

ESPAÇO PÚBLICO

Trump aprendeu sobre covid-19. Eu também

Maria João Marques

Para o acompanhamento da covid-19, o SNS é exemplar. A descomplicação é absoluta (inesperado num país que adora burocracia)

Trump foi contagiado com covid-19 e, num dos vídeos que gravou no hospital Walter Reed, informou o mundo de que aprendeu imenso sobre a doença, uma “coisa muito interessante”. Irá falar disso com os americanos – avisou. Claro que é um tudo-nada tarde para Trump aprender sobre covid-19, mais de 200 mil mortos depois nos Estados Unidos. Seria de esperar que um Presidente se tivesse dado ao trabalho de se informar atempadamente do problema de saúde pública.

Em todo o caso, para o mortal comum, de facto passar por um contágio de covid-19 dá algumas informações adicionais. Foi o que me sucedeu. Estive três semanas com covid-19. Um dos meus filhos também. Dois casos leves. Não houve dificuldades em respirar, os níveis de oxigénio mantiveram-se mercedores de um dos superlativos entusiásticos de Trump, não saímos de casa. Mas estivemos sempre em contacto com o SNS. E o que aprendi faz-me ficar bastante arrelhiada com várias desinformações que por aí correm. Permitam-me, então, como Trump, contar-vos sobre a doença.

Um. O SNS não dá indicação nem prescrição para testar pessoas assintomáticas. Porque, estando assintomáticas, provavelmente têm uma carga viral baixa que não é detetada pelo teste.

É certo que os negacionistas da covid-19, incluindo cientistas em busca de protagonismo, nos informam de que os números crescentes de doentes de covid-19 nesta segunda vaga são falsos positivos. Foi a mania de se testar a oito, dizem, que descobriu pessoas que não sofrem de doença nenhuma, não têm sintomas, de repente arrastadas num resultado positivo de covid-19 e agora ficam em casa raptadas várias semanas. E por que carga de água fizeram o teste? Porque as nossas sociedades vivem transidas de medo, não são de pessoas valentes como os negacionistas da covid-19 – informam-nos estas pessoas a quem nenhum governo passa a perna.

Portanto, repito: o SNS só dá prescrição



para testes a pessoas sintomáticas. Donde, os resultados positivos são testes feitos a pessoas que têm sintomas de covid-19.

“
Tenho lido pelas redes sociais casos abundantes de confusão: é a DGS a decidir quem vai para casa e fica em isolamento, não as escolas nem os jardins de infância



talvez os negacionistas argumentem que temos todos uma virose parecida com a covid-19 ao mesmo tempo que somos covid-positivos assintomáticos. Porém, se calhar, a explicação mais simples é que temos mesmo a doença.

Claro que há pessoas que podem ter médicos amigos a prescrever testes só para segurança de um resultado não positivo. Os meus pais, em idade de risco, fizeram-no à conta dos contactos com a filha e o neto. Não serão a maioria. Fora dos casos sintomáticos indicados pelo SNS, os testes pagam-se e não são baratos. Nem agradáveis.

Ninguém os faz por prazer. E, sem sintomas, são praticamente inúteis.

Dois. Só os contactos de risco das pessoas infetadas ficam em isolamento (tenham ou não testes negativos). Os contactos em que todos usam máscara não são de risco e não precisam de isolamento. Tive grande parte da família em isolamento, amigos dos meus filhos, empregada doméstica. Mas as pessoas com que contactei com máscara, ou por menos de 15 minutos, não foram sequer contactadas pela DGS.

Podem, portanto, parar de embirrar com Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa por não fazerem isolamento depois do teste positivo de Lobo Xavier, que esteve no Conselho de Estado com ambos e com Ursula von der Leyen. Se usaram máscaras e mantiveram distanciamento, não havia razão nenhuma para isolamento. Aos comuns mortais nem se fariam testes.

Três. Se insistem muito em criticar o primeiro-ministro e o Presidente da República, há razão. Tenho lido pelas redes sociais casos abundantes de confusão nas escolas e nos jardins de infância. Não sei se houve informação atempada às escolas sobre regras quando existem casos positivos de covid-19. Aos pais, muito seguramente ninguém se lembrou da gentileza de explicar o que sucederia com os filhos. Pelo que, como é costume num país que gosta de complicar e de exigir papelada, as escolas e jardins de infância têm inventado e

dificultado a vida às crianças e aos pais.

Já encontrei exigências de escolas de testes com resultados negativos (a colegas de alunos com covid-19) para que possam regressar às aulas. Pais cujas crianças foram enviadas para casa sem que a DGS alguma vez as tenha contactado – donde, sem justificação para as faltas no trabalho.

Na turma do meu adolescente companheiro de covid, um colega foi contagiado pela mãe. Toda a turma continuou normalmente com aulas presenciais, exceto cinco amigos que com ele contactaram fora da escola sem máscara. Para os restantes, usando máscara o dia todo, a vida foi o negócio do costume. Aparentemente, esta é a regra.

Seria desejável alguma explicação da tutela aos pais sobre como se responderá em cada caso. Desde logo para a preparação adequada da atividade profissional. E, já agora, difundir a informação de que é a DGS a decidir quem vai para casa e fica em isolamento, não as escolas nem os jardins de infância.

Quatro. O SNS está a falhar na resposta a doenças e diagnósticos não-covid, o que terá consequências na saúde no curto, médio e longo prazo. Foi imperdoável tratamentos oncológicos urgentes adiados por causa da covid-19, por exemplo. E estes adiamentos foram generalizados. Foi uma falha crassa ainda não totalmente revertida.

Isto dito, para o acompanhamento da covid-19, o SNS é exemplar. O centro de saúde esteve diariamente em contacto comigo, para ir registando sintomas e melhorias. A simpatia foi incedível, bem como a segurança que transmitiram. Responderam a todas as minhas dúvidas sem qualquer impaciência (que é tão comum nos serviços públicos). Deram conselhos (sobre compras na farmácia, por exemplo). Inquiriam se precisávamos de alguma coisa e se estávamos com apoio. As receitas e prescrições são enviadas por sms. Os atestados e as baixas vêm por email. A descomplicação é absoluta (inesperado num país que adora burocracia).

Apesar dos crescentes infetados com covid-19, os números de mortos têm-se mantido mais baixos do que na primeira vaga. Ou porque o vírus está a enfraquecer ou porque a terapêutica se apurou. Não há razão para novo confinamento. A vida e a economia prosseguem com cuidados e distância. Porém, entretanto, podemos todos evitar criar desinformação no espaço público. E, como disse Chris Wallace, o moderador do surreal debate presidencial americano em que Trump já estava a cozinhar a covid-19, “usem o raio da máscara”.

Economista. Escreve à quarta-feira